

CAMINHO DE CHIQUITOS ÀS MISSÕES GUARANÍS (1690 A 1780) (III).

Ensaio Interpretativo,

(Continuação).

III

FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O FECHAMENTO DO CAMINHO DOS JESUÍTAS.

O motivo oficial que figura na ordem de fechamento do caminho, é o do perigo que êle representava para a segurança de Santa Cruz de la Sierra, pois poderia servir de via de acesso para os mamelucos. Não nos parece que o motivo alegado fôsse o verdadeiro já que os portugueses tinham demonstrado, várias vèzes, que não estavam à espera do espanhol para abri-lhes o caminho. As repetidas investidas contra Chiquitos, eram suficiente demonstração dêsse fato.

Analisemos, portanto, quais seriam os fatores que contribuíram para que o Rei e a Audiência de la Plata tomassem essa decisão.

1. — Rivalidade entre Santa Cruz de la Sierra e Assunção.

Durante o período colonial não existiram perspectivas de progresso para a província e cidade de Santa Cruz de la Sierra. Coubera a essa região, longínqua, do alto Perú, o ingrato papel de servir de barreira às arremetidas dos indígenas selvagens do Chaco. O altiplano andino era o centro próspero do Alto Perú onde se concentravam as famosas minas bolivianas. Dadas estas circunstâncias, Santa Cruz, desprovida de recursos próprios que atraíssem os colonizadores, ficara à margem da brilhante história do altiplano.

A província de Chiquitos se convertera, em pouco tempo, num centro consumidor dos produtos de Santa Cruz e numa fonte de produção de artigos exportáveis. Embora o comér-

cio entre Santa Cruz e Chiquitos fôsse modesto, tinha sua importância dentro da economia incipiente daquela província. São Xavier, a missão mais próxima de Santa Cruz, era o ponto de intercâmbio com a capital da província vizinha. Numa consulta feita aos Padres jesuítas de Chiquitos, sobre assuntos internos dessas missões, êles declaram que o povoado de São Xavier deve ser mantido:

“por ser el primero (povoado) y puerto donde an de acudir los Españoles a sus tratos, y por donde pasan a sua malocas, y de donde and de salir y se an de recibir los despachos de Sa. Cruz y Tarija” (71).

Chiquitos vendia a Santa Cruz cêra, mel, tecidos e adquiria, nessa cidade, sal, ferramentas, materiais de construção, cavalos, gado vacum, etc. Chiquitos chegou a possuir três grandes fazendas de gado, engenhos de açúcar. Alcide D'Orbigny (72) se surpreende com o número de teares, engenhos de refinar açúcar e mel, que encontra nas antigas missões.

Em 1800 a renda régia total do alto Perú era de 2.252.100 pesos, figurando Chiquitos com 28.400 pesos, apesar da região estar decadente, em decorrência da expulsão dos jesuítas e de outros fatores (73). Aproximadamente nessa ocasião, em 1785, a população da província de Chiquitos chegava a 19.106 habitantes (74).

Os tecidos produzidos nessas missões eram reexportados, por Santa Cruz, ao Alto Perú, onde tinham aceitação pois aquêles importados da Espanha, ou contrabandeados pela região do Prata, eram muito mais caros.

Portanto, era natural que Santa Cruz receasse que, aberto o caminho do rio Paraguai, Chiquitos passasse a se abastecer na Província do Paraguai, em Assunção ou nas próprias missões guaranis. Além do temor de semelhante concorrên-

(71). — *Consulta feita aos Padres das Missões de Chiquitos sobre a conveniência de suprimir uma das missões transferindo os habitantes para outra.* Coleção de Manuscritos Pedro de Angelis, 1-29, 5, 101. Biblioteca Nacional, documento sem data, provávelmente de princípios do século XVIII, cópia de Pedro de Angelis.

(72). — Alcide D'Orbigny, *Fragment d'un voyage au centre de l'Amérique Meridionale*, 1845.

(73). — Luís Peñalosa, *Historia Economica de Bolivia*, 1953, vol. I, páginas 151 e 152.

(74). — Placido Molina, *Historia del Obispado de Santa Cruz de la Sierra*, 1938, pág. 182. Estatística feita por ordem do bispo da diocese. Outros dados estatísticos sobre época um pouco posterior encontram-se na *Descripcion Geografica y Estadística de la Provincia de Santa Cruz de la Sierra*, da autoria do governador Intendente da mesma, Francisco de Viedma na *Colección de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*, organizada e comentada por Pedro de Angelis, 1836, vol. III.

cia por parte de Assunção, os moradores de Santa Cruz tinham medo de que os jesuítas, freqüentando o rio Paraguai, fôsem convertendo as tribos ribeirinhas e organizando-as em missões. Ora, os indígenas de Chiquitos estavam isentos de pagar tributos, por um período de 20 anos, contado a partir da data de sua conversão (75), e outras mercês régias, iguais a essa, poderiam ser obtidas pelos jesuítas, para suas futuras missões às margens do Paraguai. A isenção do tributo representava um grande prejuízo para os colonos, que lutavam com o problema de falta de mão-de-obra. Caso o caminho fôsse aberto, existiria também o perigo dos paraguaios virem prear índios nas regiões circunvizinhas de Chiquitos, consideradas como reservatórios de escravos pelos moradores de Santa Cruz.

Um despacho do bispo do Paraguai sobre uma representação feita pelos moradores de Vila Rica (76), demonstra que o receio de Santa Cruz era fundamentado. Pedem os moradores que Vila Rica situada, por Cédula Régia de 1701, em Ybituru, seja transferida para o local que antes ocupara, mais ao norte de Assunção e mais próximo de Chiquitos, porque estavam muito empobrecidos pela falta de mão-de-obra:

“Y habiendo los religiosos de la compañía reducido mucha parte de los indios Chiquitos, cuya nacion confina con el sitio antiguo de la Villa: pide ésta (vila) se les mande restituir a él (local), por la conveniencia del mercado de la hierba, que podrá ser por el río Paraguay, con muy corto trabajo y sin las fatigas que padecen los indios por tierra; y también porque restituida la Villa à su antiguo sitio, dándoseles armas de fuego, se unirán con los Chiquitos y podrán resistir los mamalucos, que en estos años han penetrado hasta las misiones que, por estar á distancia, no pueden ser socorridas”.

Um padre de Chiquitos pinta em côres negras as malocas dos moradores de Santa Cruz, nas proximidades das suas missões (77). Focaliza o padre, principalmente, as crueldades cometidas pelo General Thomas Arias, nas entradas de 1709 e 1715.

(75). — *Cedula Real que exonera a los Indios de Chiquitos del pago de tributos por el espacio de 20 años*. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 100. Biblioteca Nacional, 26 de novembro de 1706, original.

(76). — Padre Pastells, *Historia da Companhia de Jesus en la Provincia del Paraguay*, 1933. Volume V, página 94.

(77). — *Varios puntos para responder a un memorial del Gobernador de Sta. Cruz y su Cavildo*. Coleção de Manuscritos Pedro de Angelis, I, 29, 6, 14. Biblioteca Nacional, s. d., original?

Uma Cédula Real de 26 de novembro de 1706 proibia aos governadores de Santa Cruz, retirarem índios das missões de Chiquitos por motivos fúteis. A Cédula fôra motivada pelos protestos do Padre Burgés, Procurador das Missões do Paraguai, e para atender às leis do Título 17, Livro VI, da **Recopilación de Leis de Indias** (78).

A documentação citada demonstra a importância do capital humano indígena, que Santa Cruz não desejaria nem partilhar com o Paraguai nem deixar cair nas mãos dos jesuítas, que impediriam a exploração do nativo.

Além dêsse aspecto econômico havia outro militar. Os chiquitos tinham cooperado poderosamente para debelar as invasões dos chiriguanoes do Chaco. Não convinha aos de Santa Cruz que os chiquitos fôssem prestar auxílio militar na defesa de povoados paraguaios, quando pesava sôbre Santa Cruz o constante receio de ataques das tribos do Chaco.

2. — Os interesses da província de Tucumán contrários à abertura do caminho.

A província de Tucumán era uma extensa planície limitada ao norte pelo Chaco, ao sul por Córdoba e ao oeste pelos contrafortes andinos. Fôra difícil colonizar essa região, semi-árida, sempre ameaçada pelos ataques dos indígenas do Chaco. A abertura do caminho, que partindo de Buenos Aires cruzava a Província de Tucumán, passava pelo Altiplano Boliviano e terminava no Pacífico, trouxe um surto de progresso para essa província. Aí se desenvolveu a fabricação de carretas e de tecidos de algodão e de linho, exportados para os mercados da Bolívia. Alice P. Canabrava, no seu interessante trabalho **O Comércio Português na Bacia do Prata**, estuda detalhadamente a situação de dependência econômica em que estava Tucumán em relação aos mercados da região mineira boliviana (79).

A abertura de um caminho mais curto ligando o pôrto de Buenos Aires ao Alto Perú seria inteiramente contrário aos interesses daquela Província.

3. — O antagonismo entre colonos e jesuítas no Paraguai.

A proteção dispensada pelos jesuítas aos indígenas provocara, desde o início da colonização do Paraguai, um forte an-

(78). — Padre Pastells, *Historia de la Compañía de Jesus na Provincia del Paraguay*, 1933. Volume V, página 145.

(79). — Alice P. Canabrava, *O Comércio Português no Rio da Prata*, 1944, páginas 7 e seguintes.

tagonismo entre os missionários e os colonos. O governador Luís Cespedes y Xeria, por exemplo, na ocasião da conquista de Guairá, parecia ter mais afinidade pelos bandeirantes paulistas, escravocratas, do que pelos jesuítas. Esse conflito entre jesuítas e colonos foi comum a toda a América Hispânica, mas, adquiriu caráter mais grave no Paraguai. Nessa região as missões guaranis eram muito populosas e abrangiam uma área territorial fértil e próxima à capital. Em 1691 as missões jesuíticas do Paraguai possuíam 15.000 neófitos e ocupavam as melhores terras, enquanto faltavam braços, e terra, para lavoura dos colonos brancos (80).

Esse antagonismo se exacerbou na época imediatamente posterior aos fatos que narramos, devido à atitude da Companhia de Jesus em relação à revolução de Antequera, que simbolizava os interesses dos colonos. Nessa época as milícias guaranis foram convocadas para debelar a revolução. Dadas tais circunstâncias era difícil que os colonos do Paraguai quisessem prestar o seu apóio a uma iniciativa jesuítica, mesmo que ela viesse beneficiá-los, como no caso da abertura do caminho entre Assunção e Chiquitos. Por outro lado, a pobreza do Paraguai também não favorecia a constituição de companhias comerciais do Paraguai, para explorar a rota que fôra aberta pelos jesuítas.

4. — Os objetivos dos jesuítas.

Os jesuítas, ao abrirem o caminho do rio Paraguai, de Chiquitos a Assunção, visavam facilitar a intercomunicação das missões e o acesso às tribos infieis que a ordem pretendia converter. Naturalmente também se utilizariam desse caminho para o transporte da herba mate, pois uma rota mais curta entre a zona produtora, sudoeste de Mato Grosso, e o centro consumidor, Potosi, no Alto Perú, viria incrementar o comércio daquela mercadoria. Não convinha, porém, aos jesuítas permitir o comércio dos colonos por essa via fluvial, pois recebavam que abusassem dos índios das missões. O comércio com Santa Cruz se fazia através de um comerciante

(80). — Magnus Mörner, *The Political and Economical Activities of the Jesuits in the La Plata Region*, 1953. Cap. IV, analisa detalhadamente a rivalidade econômica entre jesuítas e colonos nessa região. Os padres da Companhia de Jesus possuíam os melhores campos de herba-mate e monopolizavam o mercado consumidor de Potosi que pagava preços mais elevados por essa mercadoria, enquanto que os colonos tinham de vender sua herba-mate, de qualidade inferior, em Buenos Aires, mercado pobre e pouco compensador. Os jesuítas ainda se beneficiavam de isenção de impostos e de perfeita organização bancária.

escolhido pelos jesuítas, que não entrava em transações diretas com os nativos. Um caminho dos jesuítas, dificilmente seria uma rota comercial, faltando portanto estímulo para que os colonos se interessassem por êle. As estradas de Buenos Aires ao Perú e ao Chile tornaram-se importantes graças, em parte, ao contrabando e ao capital estrangeiro. O comércio ilícito não seria admissível numa região povoada por tribos indígenas sob a égide dos jesuítas.

O rio Paraguai, como meio de comunicação, só seria economicamente interessante para os colonos de Assunção se servisse não só ao comércio inter-provincial entre o Alto Perú e o Paraguai, como ao comércio com o exterior, através do pôrto de Buenos Aires. Os jesuítas nunca consentiriam numa cooperação de capitais portugueses e espanhóis para a exploração comercial do rio Paraguai; e na província do Paraguai faltava capital para organizar um comércio de maior envergadura entre Buenos Aires e o Alto Perú.

5. — A atitude do govêrno espanhol.

A atitude do govêrno espanhol denotou uma incompreensão da importância do caminho dos jesuítas para a manutenção do domínio espanhol na bacia do Paraguai, como também para favorecer a unidade das suas colônias. A medida tomada pelo govêrno parece demonstrar que prevaleceu a preocupação de evitar possível contrabando português por essa região. A corôa assumindo, portanto, uma atitude negativa, optou por um mal maior para corrigir outro menor. Aliás, existia uma Cédula Régia proibindo o comércio entre a Bolívia Oriental e o Paraguai, expedida na ocasião dos conflitos entre os moradores de Santa Cruz e os de Assunção.

Contrasta a visão dos jesuítas, quanto à importância estratégica de Chiquitos para a defesa do império colonial espanhol, com a inércia e o negativismo dos poderes constituídos. Todo o esforço, tôda a despêsa da abertura do caminho, correrá por conta dos jesuítas e, quando o objetivo é alcançado, a ação do govêrno destruiu a obra realizada pelos particulares.

(Continua no próximo número).

EULÁLIA MARIA LAHMEYER LOBO

Livre-docente de História Americana da Faculdade
Nacional de Filosofia.